

“Olavo tem Razão”: Olavo de Carvalho, Esoterismo e os Mitos Conspiratórios do Imaginário Político Neoconservador

Erick Felinto ¹

Resumo: *Este trabalho visa explorar certos aspectos do imaginário das novas direitas brasileiras, com foco nas construções discursivas do filósofo Olavo de Carvalho, possivelmente o mais importante articulador intelectual do movimento. Através de uma leitura dos elementos míticos desse imaginário, envolvendo as ideias de complô e de retorno ao passado, pretende-se mostrar que o neoconservadorismo brasileiro se alinha com mitologemas de caráter global com inclinações sectárias e a fantasia do controle total.*

Palavras-Chave: *Olavo de Carvalho. Imaginário. Seitas. Anti-intelectualismo*

Abstract: *This work aims at an exploration of certain aspects of the Brazilian new Right's imaginary, with a focus on the discursive constructs of Philosopher Olavo de Carvalho, possibly the movement's most important intellectual articulator. By means of a reading of the mythic elements that compose this imaginary, which implies ideas such as global conspiracies and a return to the past, the work purports to show that Brazilian's neoconservatives align themselves with global mitologemes. These mythical narratives include sectarian leanings and fantasies of total control.*

Keywords: *Olavo de Carvalho. Imaginary. Sects. Antiintellectualism*

“A Nova Era venceu a revolução gramsciana” (Olavo de Carvalho)

1. Mentalidade de Seita: as Fontes Esotéricas do Imaginário Olavista

“O consulente pode ter problemas sexuais, inclusive na área do homossexualismo”; também há boa “possibilidade de ser um exilado político”, escrevia em abril de 1980, um dos mais populares astrólogos de São Paulo, desafiado pela revista Veja a traçar o mapa astral de um cliente não identificado². O consulente misterioso, cujos dados natais a Veja forneceu a Olavo de Carvalho, era ninguém menos que Fernando Gabeira. Na época, Carvalho dirigia, com Antonio Carlos Harres, a escola de astrologia Júpiter, localizada no elegante bairro dos Jardins. Como em uma fábula mística ou arcana prática mântica, essa inocente matéria de *fait*

¹ Professor Titular, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, erickfelinto@gmail.com

² Reportagem “Alto Astral” em Revista Veja de 9 de abril de 1980. Disponível em <<http://libertoprometheo.blogspot.com/2014/08/os-heteronimos-do-astrologo-liberal.html>> Acesso em 08 de novembro de 2019.

divers parecia, porém, prever dois importantes elementos do futuro de Carvalho, alçado da astrologia, nos anos 1980, à condição de “guru” do governo Jair Bolsonaro nos anos 2010³: seu envolvimento cada vez maior com o campo da política e sua obsessão com o “problema” da homossexualidade (igualmente marcante no âmbito do bolsonarismo). Nesse longo intervalo de quase 40 anos, Carvalho passou de uma figura relativamente obscura a um agente político fundamental no cenário brasileiro contemporâneo. Morando hoje nos Estados Unidos e administrando um canal do Youtube com mais de 800 mil inscritos, o autor de *O Imbecil Coletivo* já foi, inclusive, definido como o “parteiro” da nova direita brasileira⁴.

Todavia, apesar de sua importância vital na formação de um *imaginário* característico da nova direita, a atuação e o papel de Carvalho nos acontecimentos políticos do Brasil recente ainda são muito pouco estudados. Uma das análises críticas mais precisas de Carvalho vem, curiosamente, de um escritor conservador, talvez pelo fato de, diferentemente da grande maioria dos estudiosos de esquerda, ter lido com cuidado os trabalhos do ex-astrólogo⁵. Em sua coletânea de ensaios *A Tirania dos Especialistas* (2019), o jornalista Martim Vasques da Cunha acusa o ideólogo do bolsonarismo de sucumbir precisamente àquilo que dizia combater. Movido essencialmente pelo que Cunha define como um desejo de poder do intelectual, Carvalho teria criado uma “polícia do pensamento”, interessada em uma cerrada “unidade do controle” (2019, p. 173). Afinal,

cada manifestação pública sua evidencia o anseio quase desesperado de que as suas ideias e as suas palavras alterem não só a realidade pragmática dos eventos cotidianos, mas a própria estrutura do real. É um claro projeto de poder – com toques místicos, é certo, mas que jamais oculta a sua *libido dominandi*. (ibid., p. 175).

De fato, qualquer pessoa que tenha acompanhado atentamente as estratégias retóricas e a trajetória profissional de Carvalho percebe que sua proposta de combater a “hegemonia cultural da esquerda” – supostamente fundada na estratégia gramsciana de empreender uma “revolução da mente” como preâmbulo à “revolução política” (Carvalho, 1994, p. 14) – deságua no *emprego das mesmas técnicas* para a construção de uma mentalidade de direita reativa. Nesse caso, Olavo de Carvalho seria o mais eficiente aluno de Gramsci, ao empreender

³ Cf. <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/guru-de-bolsonaro-diz-que-nao-existem-intelectuais-da-esquerda-a-seu-nivel.shtml>> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁴ Por si mesmo e pelo título da matéria publicada pela BBC em 15 de dezembro de 2016. Com a falta de modéstia que lhe é característica, Carvalho respondeu à pergunta sobre a causa da mobilização da direita nas ruas com a frase: “c’est moi”. Ver <<http://www.bbc.com/Portuguese/brasil-38282897>> Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

⁵ Ajuda bastante, claro, o fato de ter sido aluno de Olavo de Carvalho.

uma guerra cultural cujo objetivo final seria criar uma “nova hegemonia”. Naturalmente, vários autores já haviam chegado a conclusões semelhantes às de Cunha, ainda que não com o mesmo grau de percepção sobre os meandros do mundo mental de Carvalho. Como afirma Leonardo Puglia, por exemplo, se a esquerda (segundo o imaginário de Olavo e seus seguidores) tornou-se hegemônica no universo cultural brasileiro, “resta aos poucos intelectuais de direita que conseguiram resistir contra-atacar com as mesmas armas, usando os mais variados meios de comunicação para disseminar suas ideias na esfera pública” (2018, p.53). É precisamente o que faz Carvalho, que conta hoje com 577 mil seguidores no Facebook e 682 mil no Twitter. Para Cunha, o problema de Carvalho é sua traição da verdadeira vocação do intelectual⁶, de modo a engendrar uma casta cuja meta é “influenciar espiritualmente os eventos políticos de uma nação” (1994, p. 173). Ao se ver mergulhado num combate pelo controle da cultura (e do imaginário), os membros de tal casta sentem-se especiais, como que dotados de uma missão divina. É precisamente assim, segundo Vasques, que funciona o famoso *Curso Online de Filosofia* (COF), de Olavo de Carvalho, pelo qual já teriam passado mais de 12 mil pessoas⁷. Suas técnicas retóricas dariam lugar a “uma espécie de feitiço que aprisiona a consciência” (2019, p. 175), mantendo seus alunos sempre submissos ao mestre, como na estrutura característica de um culto autoritário. Assim fazendo, Carvalho perpetuaria a “tirania dos especialistas”, responsável, segundo Cunha, por uma “revolta do subsolo” que não é, em essência, diferente da “revolta das elites” criticada pelo jornalista.

Ainda que Cunha critique a utilização do termo “líder de seita” como alcunha tradicionalmente imposta a Carvalho pela imprensa (Cunha, 2019, p. 182), a comparação não parece tão absurda quando se leva em consideração certos aspectos da história pessoal de Carvalho. É por isso que uma cartografia do obscuro e confuso passado do pensador é fundamental para o entendimento das linhas de força que constituem seu atual projeto intelectual. Ainda que muitos episódios de sua história estejam cercados de mistério e confusão, existe farto material disponível na internet sobre a vida pregressa do ex-astrólogo.

⁶ Como bom conservador que é, Cunha crê que a missão do pensador é buscar a “verdade” e promover o enriquecimento espiritual da sociedade. Nesse sentido, os intelectuais petistas são, naturalmente, vítimas da “pleonexia” (termo utilizado por Eric Voegelin e Cunha), aquele desejo de poder que visa “moldar a sociedade de cima para baixo” (2019, p. 89). Haveria muito o que dizer sobre as teses de Cunha, assim como sobre o fato de que algumas das análises e críticas mais interessantes da nova direita terem partido de liberais e conservadores, mas isso foge ao escopo do presente trabalho.

⁷ Segundo o próprio Olavo de Carvalho e o título da reportagem da BBC. Cf <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

Muito desse material foi fornecido pelo próprio Olavo de Carvalho que, mesmo empenhado em certo esforço de reconstrução de seu passado, não logrou apagar todas as marcas de suas fortes conexões ao universo das seitas e dos esoterismos. Mais que simples curiosidades anedóticas, essas ligações são importantes para compreender o imaginário da nova direita (sendo que Carvalho é inquestionavelmente um de seus mais importantes articuladores).

Na década de 1980, Olavo de Carvalho fazia parte de uma “tariqa”, uma confraria esotérica islâmica de natureza essencialmente contemplativa. De fato, Carvalho não se preocupa em esconder esse dado. Como ele admite num de seus posts, “todos sabem que pertenci à tariqa (organização esotérica islâmica) de Fritjof Schuon (Sheikh Issa Nureddin), sediada em Lausanne, Suíça, e depois em Bloomington, Indiana”⁸. Ele se preocupa, porém, em destacar exaustivamente a natureza “multiconfessional” da tariqa de Schuon. Ou seja, esse interesse por seitas tradicionalistas islâmicas não teria afetado seu real compromisso cristão, inclusive porque o princípio fundamental do perenialismo (ou tradicionalismo) reside na ideia da unidade primordial das grandes religiões. É verdade que a tariqa de Schuon representava a vertente mais universalista e flexível entre os tradicionalistas⁹, e precisamente isso fazia de Schuon uma figura suspeita frente à maioria dos outros perenialistas (além, claro, de seu temperamento tremendamente espalhafatoso).

De fato, a maioria das vertentes do tradicionalismo normalmente exige um compromisso muito mais definido e rigoroso com a Sharia (lei religiosa) e o Islã. Na Europa de meados do século XX, tradicionalistas como Felice Pallavicini (Abd al-Wahid) e Michel Valsan (Mihail Valsan, Mustafa) chegaram a se tornar líderes religiosos respeitados junto à comunidade islâmica. No final dos anos 1970, por outro lado, Schuon já estava tão distanciado do sufismo que publicou inclusive textos de confrontação radical com René Guénon (o grande patrono do tradicionalismo). O caráter de líder particularmente carismático e pessoalista da abordagem de Schuon gerou não só muita desconfiança por parte dos tradicionalistas fieis a Guénon, mas acabou resultando na percepção de um clima estranho, particularmente “cúltico”, envolvendo o autor de *O Esoterismo como Princípio e como Caminho* – especialmente quando de sua mudança da Europa para os EUA, em 1981. Na comunidade da *Inverness Farm*, em

⁸ Ver <<http://olavodecarvalho.org/a-vinganca-do-caraio/>> Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

⁹ Sobre a “Tradição”, a partir da perspectiva de uma verdadeira “história intelectual secreta do século XX”, ver o excelente estudo de Sedgwick (2004). Sob a ampla égide do “tradicionalismo” ou “perenialismo”, abrigam-se uma série de seitas e crenças de ordem esotérica e iniciática promovidas por líderes espirituais como o francês René Guénon (1886-1951) e o italiano Julius Evola (1898-1974).

Bloomington, boa parte de seus seguidores não apenas havia abandonado o Islã senão também que acabaram adquirindo os traços de “daquilo que os historiadores de religião definem como ‘um novo movimento religioso’” (Sedgwick, 2004, p. 170)¹⁰. De todo modo, é extremamente curioso, considerando a abundância de citações e defesas dos tradicionalistas em seus escritos dos anos 1980¹¹, que Carvalho denuncie vigorosamente Guénon e Schuon, em post de 2016, por uma tentativa de criar um movimento de “islamização da Europa”.

A estratégia de Carvalho nesse texto segue uma certa cartilha retórica que se repete com frequência em seus escritos e discursos públicos. Inicialmente, ele nos adverte que irá discutir assunto da mais alta importância para os destinos do mundo. Naturalmente, porém, tal assunto é completamente desconhecido da mídia e dos especialistas (especialmente, claro, das universidades dominadas por esquerdistas). É como se um oráculo se apresentasse ao público na nobre missão de compartilhar um conhecimento esotérico ao qual apenas poucos iniciados têm acesso: “os que se interessam pelo futuro do Brasil deveriam prestar atenção ao que vou lhes dizer aqui”¹². Daí, Carvalho parte para alguns argumentos de autoridade, citando autores desconhecidos e obras que insistentemente denunciam complôs mundiais e o perigo da globalização cultural. Como se verá, de fato, o “mito do complô” é um dos elementos centrais, senão o mais fundamental, do imaginário da nova direita. Várias dessas obras, como seria de se esperar, não são da autoria de especialistas ou pesquisadores, e tampouco encontram respaldo acadêmico de qualquer espécie, não obstante sua “abundância de fontes primárias”

¹⁰ No original: what scholars of religion term ‘a new religious movement’. Em 1991, quando Schuon já tinha 84 anos, um de seus antigos adeptos, Mark Koslow procura a polícia com denúncias de abusos sexuais (inclusive de menores) durante certos rituais praticados pela seita. Essas acusações nunca foram efetivamente comprovadas e não deram em nada, mas a essa altura o estrago já havia sido feito, e Schuon decidiu “aposentar-se” quietamente e se afastar das funções administrativas ligadas à comunidade. Igualmente envolvida em escândalos estava uma das seitas de que Carvalho participou. Em reportagem de *O Estado de São Paulo*, de 10/01/1986, acusava-se a seita “Tradição”, liderada pelos irmãos Omar Ali Shah e Idries Shah, de aliciamento e estelionato. Na matéria, Olavo aparece como testemunha e vítima da seita, cujo método de atuação, nas palavras do ex-astrólogo, “interfere no funcionamento cerebral” e “produz nos discípulos vários tipos de deformidade moral”. Entre estas, naturalmente, a “homossexualidade”. Cf: <<https://archive.ph/cxzIJ/08884d9ed0172a2aca720905ecfc4d1d18cc0e78.jpg>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹¹ Ver, entre outros, *Astros e Símbolos*, no qual várias obras de Guénon são tomadas como referências autoritativas. Mais sintomático ainda é o contraste entre sua entusiástica recomendação, em 1985, da leitura de *O Homem e a Natureza*, de autoria de Seyyed Hossein Nasr (outro tradicionalista), qualificado como “filósofo e homem religioso iraniano” e “professor no M.I.T” (1985, p. 83) e sua desqualificação do mesmo Nasr, em 2016, por “sua estratégia retórica” de mostrar a vida muçulmana apenas por via dos arquétipos eternos, confrontando-a com a miséria materialista do ocidente, uma coisa que “chega mesmo a ser um pouco ingênua”.

¹² Em <<http://olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-islamizacao-do-ocidente/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

(segundo as palavras de Carvalho). Trata-se de obras de divulgação, eivadas de fabulações infundadas e delírios grandiosos, para um público interessado em temas esotéricos e teorias conspiratórias¹³. O livro denuncia uma trama de caráter mundial para a constituição de uma nova pseudo-religião global. Carvalho se preocupa em diferenciar esse projeto tipicamente *New Age* das sofisticadas propostas do tradicionalismo de Guénon e Schuon, qualificando as especificidades deste último. Essa qualificação, porém, não acaba sendo relevante, já que o objetivo central do artigo é acusar a tradição e, particularmente, René Guénon, de ser um “agente islâmico” empenhado na destruição do cristianismo e na promoção de entidades maquiavélicas, como a maçonaria. O que o leitor comum não sabe, porém, é que o livro que Carvalho toma como fonte central foi publicado precisamente por uma editora perenialista. No site da empresa, lê-se que “Sophia Perennis dedica-se a publicar o que há de melhor nos escritos sobre as tradições sapienciais do mundo sob uma perspectiva largamente Tradicionalista ou ‘Perenialista’”¹⁴. Ora, não parece um pouco incoerente (e imprudente) empreender uma crítica ao tradicionalismo tomando como referência central obra de uma editora tradicionalista?¹⁵

O que realmente importa aqui, todavia, é deixar claro que o mundo mental de Olavo de Carvalho é tributário das formas de estruturação e articulação típicas das seitas. Isso explica o clima de mistério e a estrutura quase iniciática que comumente acompanham os discursos de Carvalho. Para este, o Brasil é um dos lugares menos confortáveis para aqueles que se dedicam à difusão das “doutrinas tradicionais”. Não que inexistam leitores, o que falta é “uma constelação de precondições espirituais e culturais adequadas à recepção de tais doutrinas” (1986, p. 9). No círculo olavista, predomina também certo sentimento de paranoia constante que, segundo Mark Sedgwick, estava presente em boa parte dos ambientes tradicionalistas do

¹³ Adiante (pg. 8), abordaremos o exemplo talvez mais gritante da prática de Carvalho de mesclar citações de autores reconhecidos (como Mircea Eliade, Henri Corbyn ou Gilbert Durand) com literatura sensacionalista de qualidade duvidosa.

¹⁴ No original: **Sophia Perennis** is dedicated to publishing the best contemporary writing on the world’s wisdom traditions, largely from a Traditionalist or “Perennialist” perspective, as well as reprinting recognized classics. We have tried to remain faithful to Traditionalist core principles—notably the Transcendent Unity of Religions—while exploring new applications of these principles, as well as returning to the great Revelations themselves for fresh insight. Ver

<<http://www.sophiaerennis.com/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹⁵ Os que forem dotados de paciência sobre-humana podem consultar a polêmica travada entre a associação católica conservadora Monfort (na pessoa de Orlando Fedeli) e Olavo de Carvalho em meados de 2001. Materializado em um longo e erudito libelo de mais de 100 páginas, o debate nasce da tentativa de demonstrar inquestionavelmente o caráter gnóstico das obras e do pensamento de Carvalho, que, desse modo, passaria muito longe da ortodoxia católica. Cf. <<http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/guenon/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

início do século XX (2004, p. 132). É assim, por exemplo, que o Foro de São Paulo é tratado como parte importante de um complô esquerdista de dominação da América Latina¹⁶. Desse complô, que é apenas braço de uma trama mundial mais ampla, participam ativamente a mídia, a ONU e, possivelmente, até mesmo o Papa. Afinal, em vídeo de uma entrevista concedida ao supremacista branco canadense Stefen Molyneux, Carvalho sugere que o Papa Francisco pode ser um agente infiltrado, posto no trono de São Pedro por George Soros¹⁷. Assim como René Guénon e vários de seus seguidores temiam constantemente o ataque de forças ocultas – “entre as mais fortes em nosso mundo” – visando demolir sua obra (apud Sedgwick, 2004, p. 132), Olavo de Carvalho é afligido por um delírio persecutório que tomou expressão nítida em um tuíte de 30 de dezembro de 2019, no qual fala de um

monstruoso, bilionário assédio judicial e midiático montado contra mim no Brasil e no Exterior, do qual não tenho a mais mínima condição de me defender e do qual, com toda a certeza, o governo Bolsonaro e as forças que o apoiam jamais terão a vontade ou a coragem ou de me proteger¹⁸

Em *Mitos e Mitologias Políticas*, Raoul Girardet analisa em profundidade essa construção do imaginário que é o mito do complô. Recorrente na história europeia, e manifestado em fantasias como a dos *Protocolos dos Sábios do Sião*¹⁹ ou as conspirações políticas maçônicas e jesuíticas, tal mito tece uma narrativa fundada no inegável benefício de uma *explicação global* para os problemas que afligem a sociedade. Em uma situação de crise, de confusão e de complexidade dos fatos, tudo subitamente se encontra reduzido, “por uma lógica aparentemente inflexível, a uma mesma e única causalidade, a uma só vez elementar e todo-poderosa” (1987, p. 55). O medo com as incertezas sobre o futuro é, assim, minimizado. Encontrou-se, por fim, o bode expiatório, a entidade maligna – identificável e centralizada – responsável pelo conjunto de males que nos persegue. Correlatas à emergência desse mito são certas inflexões de “caráter neurótico” consubstanciadas em

delírios de perseguição: doravante, mais nenhum espaço é deixado para o acidente; colocada no centro de uma imensa rede de malevolência organizada, a vítima vê cada um de seus atos vigiado e espionado por mil olhares clandestinos; uma mesma mão invisível encarregou-se de seu destino e o conduz irrevogavelmente para a desgraça... (ibid., p. 57).

¹⁶ <<http://olavodecarvalho.org/o-foro-de-sao-paulo-versao-anestesia/>> Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

¹⁷ <<https://www.youtube.com/watch?v=4qMSWITDUKc>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹⁸ <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/12/30/interna_politica,111253/governo-jamais-teracoragem-de-me-proteger-diz-olavo-de-carvalho.shtml> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹⁹ Os “Protocolos dos Sábios do Sião” são uma conhecida farsa histórica, um documento produzido em fins do século XIX no qual se fantasia um complô judaico para a dominação mundial.

É neste ponto, precisamente, que a “análise sociológica e a observação psiquiátrica tendem a confundir-se” (ibid.). No caso de Carvalho, o componente central do mito se encontra na obsessão com o Foro de São Paulo, que constituiria o braço local de uma conspiração comunista visando fazer do Brasil o “celeiro do movimento”. Partindo também das reflexões de Girardet, Debora Messenberg mostra que o mito se manifesta exatamente nos mesmos moldes em outros autores políticos importantes do Brasil contemporâneo, inclusive no próprio Bolsonaro. Fundados em um conservadorismo religioso que reduz a percepção do mundo ao conflito maniqueísta entre “nós” e “eles”, bem e mal, tais indivíduos “se sentem ameaçados pelo desmoronamento de seu mundo, sendo facilmente cooptados para a defesa de causas anti-igualitárias e soluções despóticas” (Messenberg, 2017, p. 637). O fundamento religioso a partir do qual supostamente constroem sua *Weltanschauung*, não é, naturalmente, o dos “atabaques, dos gritos dos exus e dos gemidos de hordas de condenados” (Carvalho, 1985, p. 13), mas o Cristianismo, aquele sistema de crença no qual se dá “o passo decisivo na conquista da autonomia da consciência individual como portadora da verdade universal” (Carvalho, 1997, p. 132).

Em última instância, o complô mundial é de natureza demoníaca e visa destruir os alicerces da fé cristã. Seus tentáculos parecem estar por toda parte, até mesmo nos locais mais insuspeitos ou aparentemente inocentes, como nas letras dos Beatles. Em vídeo intitulado “Rock, Beatles e Satanismo”, postado em seu canal do Youtube em dezembro de 2019, Carvalho sugere que Woodstock, o êxito do rock e a difusão do LSD devem-se, em última instância, à ação da Escola de Frankfurt! A certa altura do vídeo, Carvalho menciona um livro de um “repórter holandês” que, entre outras “inúmeras informações úteis”, oferece uma que “parece verdadeira pelo contexto”. Segundo esse jornalista, os Beatles eram completamente analfabetos em música, e quem compôs suas canções foi o filósofo alemão Theodor Adorno. Carvalho alega que não consultou o livro diretamente, pois não sabe ler holandês, mas tomou conhecimento dele através de “menções feitas em outros livros”. Parece, porém, que nosso filósofo carece igualmente de familiaridade com a internet como ferramenta de pesquisa, pois bastaria uma simples consulta ao Google para descobrir e acessar o tal livro, traduzido em inglês (e, de fato, em algumas outras línguas). Em *The 13 Satanic Bloodlines: Paving the Road to Hell*, Robin de Ruyter afirma:

O fenômeno Beatles foi cuidadosamente planejado pelos Iluminati para difundir um elemento extremamente destrutivo entre as massas globais: a possibilidade de mudar uma pessoa contra a sua vontade [...] na época, os Beatles não podiam sequer ler uma

única nota, apenas tocar guitarra. Theodor Adorno escreveu suas letras e músicas, o que foi mantido em segredo do resto do mundo [...] Adorno foi também codiretor do “Projeto sobre a Personalidade Autoritária”, que intencionalmente planejou a contracultura de drogas, rock e sexo da geração “baby boomer” [...] poucas pessoas sabem que os Beatles foram parte de um experimento de massa esboçado pelo Instituto Tavistock para as Relações Humanas em Londres (2018, p. 121)²⁰.

Como foi exposto acima, é uma estratégia discursiva comum em Olavo de Carvalho a utilização indistinta de referências bibliográficas contendo pesquisa séria e qualificação acadêmica com literatura sensacionalista de fundo religioso. Evidentemente, qualquer estudioso sério, seja dos Beatles, seja de Adorno, seja do Tavistock Institute, consideraria completamente risível uma afirmativa de tal natureza. Para Ruyter – o jornalista que supostamente oferece “inúmeras informações úteis” – a existência de uma “conspiração mundial” já não pode ser negada (ainda que ele não ofereça nenhuma prova concreta disso, além de especulações e ilações). Tal conspiração atravessaria, na verdade, os séculos, remetendo à irmandade dos Illuminati, fundada oficialmente na Espanha, em 1530. Segundo o autor, a irmandade fundara seus objetivos na célebre “Carta de Constantinopla de 22 de dezembro de 1489, na qual se fazem planos para conquistar a liderança do mundo” (2018, p. 41). Trata-se, aqui, de mais uma evidente falsificação histórica, exatamente nos moldes dos *Protocolos dos Sábios do Sião*, de modo a sugerir a existência de uma conspiração judaica para a destruição do catolicismo na Espanha. O historiador francês Isidore Loeb demonstrou facilmente a farsa, em 1877, mas o documento foi tido como peça histórica importante durante várias décadas para fomentar o anti-semitismo (Cf. Soyer, 2019, p. 65). Ruyter, naturalmente, não estava preocupado com exatidão histórica – e, desse modo, retornamos num círculo completo ao mito do complô em uma de suas versões mais esdrúxulas.

²⁰ No original: The Beatle phenomenon was carefully planned by the Illuminati to spread a very destructive element among the global masses: the possibility to change a person against their will [...] At the time, the Beatles could not read a single note, and could only play the guitar. Theodor Adorno wrote their lyrics and music, which was kept a secret from the outside world. Adorno was one of the earliest leaders of the Frankfurt School. In 1950, he reorganized and “de-nazified” the post-war German educational system and cultural institutions. This project was known as the Congress for Cultural Freedom (CCF). Adorno also was co-director of the “Authoritarian Personality Project” that willfully engineered the Baby Boomer drug/rock/sex counter culture. Few people know that the Beatles were part of a mass experiment by the Tavistock Institute for Human Relations in London.

2. Neoconservadorismo: anti-intelectualismo e o retorno ao passado

No posfácio ao livro de memórias de Heloisa de Carvalho, filha de Olavo, Carlos Velasco afirma que Carvalho ofereceu a Bolsonaro o respaldo de alguém que, em certos setores da sociedade brasileira aparecia como o intelectual vivo mais sofisticado do espectro ideológico da direita. Ao afirmar que Bolsonaro era um “político respeitável”, Carvalho punha fim (ou ao menos minimizava) à possível “vergonha de ser considerado idiota ao apoiar alguém considerado pela generalidade como um completo imbecil” (Carvalho & Bugalho, 2020, p. 147). De fato, o erro que boa parte da esquerda universitária cometeu em relação a Bolsonaro, considerado em geral uma figura do baixo clero incapaz de chegar à presidência, deu-se também no caso Olavo de Carvalho. Após a publicação dos dois volumes de *O Imbecil Coletivo* (1997-1998), compostos de uma série de libelos irônicos dirigidos a professores universitários, alguns poucos dos atingidos se deram ao trabalho de responder, e as respostas tinham em geral tom de menosprezo, muitas vezes apoiando-se no qualificativo de “filósofo automeado” (Carvalho, 1997, p. 458). Na época, Olavo de Carvalho era somente um polemista de opiniões extremadas e caráter histriônico, mas com alguma presença mais ou menos constante nos meios de comunicação. Para muita gente do período, não parecia muito mais que uma espécie de curiosidade do meio cultural brasileiro. Hoje, contudo, a rede de influência de Carvalho se estende para além do Brasil, e envolve as centenas de alunos e ex-alunos do seu Seminário Online de Filosofia (COF). Trata-se, realmente, de uma trajetória impressionante, e surpreende encontrar um artigo publicado no *The Political Science Reviewer* tratando a “filosofia política” de Olavo de Carvalho de forma séria, e qualificando o pensador como “um dos mais importantes nomes hoje na ciência política e na filosofia. Suas opiniões podem parecer idiossincráticas, mas revelam uma amplitude e escopo que poucos estudiosos ousariam ter” (2019, p. 24)²¹. A surpresa seria ainda maior, contudo, não fosse o fato de o autor ser um olavista assumido, colaborador frequente do site direitista *Estudos Nacionais*. Todavia, fica um

²¹ No original: Olavo de Carvalho is one of the most important names in political science and philosophy today. His opinions might seem idiosyncratic, but they reveal a breadth and scope that few scholars would dare to have.

pouco difícil levar a sério uma análise que leva a sério uma filosofia política assentada na crença em um complô mundial de capitalistas para a implantação de uma ditadura socialista²².

Importa, aqui, lembrar que a ciência e as universidades são um dos alvos preferidos de Olavo de Carvalho, que conseguiu, assim, a façanha de combinar teses e posições completamente anticientificistas com a imagem de um intelectual denso e sério (ao menos nos meios da direita conservadora). Todavia, a “amplitude e escopo” do pensamento de Carvalho representam um risco que estudiosos mais prudentes evitariam. Sem ter nenhuma qualificação em áreas como a física ou astronomia, Carvalho tem, por exemplo, a pachorra de contestar cientistas como Einstein, Newton e Stephen Hawkins. Curiosamente, apesar de suas constantes críticas ao saber universitário estabelecido, ele se escuda ocasionalmente na figura de autores titulados com mestrados e doutorados para tecer boa parte de seus ataques à ciência moderna (como a diversos outros domínios do conhecimento). Na apresentação de obra de um desses autores, que é doutor em matemática e física, Carvalho chega a afirmar que “a época da modernidade científica (...) não sobrevive a exames como esse que o professor Wolfgang Smith fez e sobretudo não sobrevive à pesquisa histórica dos últimos 30 anos”²³. De que pesquisa histórica está falando Carvalho? Ele não especifica. Confundindo percepções do senso comum com realidades de ordem cósmica, Carvalho afirma, ainda, não entender noções como a de curvatura do espaço, que lhe parecem absurdas. Quanto a Wolfgang Smith, não obstante suas inegáveis qualificações acadêmicas, obras como *O Enigma Quântico* (cujo prefácio da edição brasileira foi escrito pelo próprio Carvalho) não são sequer discutidas na comunidade acadêmica da física. É apenas no campo dos estudos de religião e do tradicionalismo que as ideias de Smith recebem alguma atenção. Ocorre que Smith é um herdeiro do tradicionalismo, que, em seus livros, bastante populares, aliás, mistura ciência com religiosidade, perenialismo e saberes arcaicos. Todavia, assumindo sua persona de cristão tradicional, Carvalho se preocupa em destacar como a obra do matemático deixa claro que o que havia de verdadeiro no pensamento de Guénon e Shuon eram seus elementos cristãos.

Em outro vídeo no Youtube²⁴, Carvalho questiona (equivocadamente) o fato de Einstein ter dito que “a coisa mais veloz que existe é a luz”. Entretanto, segundo ele, “todo mundo sabe” que Nikola Tesla “criou” uma partícula mais veloz que luz. As perguntas relevantes, aqui, são:

²² A esse respeito, ver especialmente as pgs. 18-19 e a nota 59 do artigo (Bruno, 2019).

²³ <<https://www.youtube.com/watch?v=BR7kfyuQwqY>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

²⁴ <<https://www.youtube.com/watch?v=16qd2IvhjSI>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

quem é “todo mundo”? Como seria possível que Tesla conseguisse “criar” uma partícula²⁵? De onde vem essa informação? A “ciência” e o “conhecimento” de Olavo de Carvalho são, assim, irresponsavelmente feitas de afirmativas genéricas vagas, sem verificação por pares, sem experimentação científica, sem respaldo da comunidade dos investigadores. As fontes que cita em seu apoio são escolhidas a dedo, por meio de um viés de confirmação que exclui a possibilidade do contraditório ou qualquer alternativa. Tudo é convocado de modo a confirmar as teorias da conspiração, da qual até mesmo a ciência, provavelmente, faz parte.

Certamente um dos grandes problemas decorrentes deste tipo de análise se dá justamente porque as referências utilizadas são instrumentalizadas no intuito de corroborar a conspiração. Assim, qualquer questionamento referente a alguma das dimensões apresentadas desta suposta teoria, faz com que o questionador torne-se parte do argumento conspiratório, impossibilitando, portanto, que o questionador se desvincule desta narrativa. Entretanto, o problema central deste tipo de análise é que ela simplifica de tal maneira a realidade que a polarização se torna a única possibilidade cosmológica e, portanto, a forma exclusiva de enxergar o mundo e mais, esse mundo passa a ser constituído de “nós” e “eles”. Certamente para as novíssimas direitas conservadoras, “nós” somos as pessoas de bem, que trabalham, que seguem uma vida reta, cristã, dentro da lei e da ordem, dentre muitas outras características que, no limite, reiteram a condição de “civilizados”; enquanto “eles” são os esquerdistas, comunistas, anarquistas, índios, prostitutas, gays, drogados, defensores de bandidos e dos direitos humanos (Rosa, Rezende & Martins, 2018, p. 196).

Na verdade, essa estratégia se funda em outro aspecto importante do imaginário de Carvalho, assim como das “novíssimas direitas brasileiras” (ibid.). Mais que isso, ele é parte integrante do repertório mental tanto do neoconservadorismo mundial quanto de certas esquerdas, ainda que por razões diferentes. Trata-se de uma tendência que diversos estudiosos vêm observando nos últimos anos, e que aponta para uma crescente desconfiança social em relação à ciência e suas práticas. Como explicam Thompson e Smulewicz-Zucker, essa tendência “levou a uma convergência das posições anticientíficas tradicionalmente conservadoras e de ideias esquerdistas sobre a construção social do conhecimento” (2018, p. 5)²⁶. Neste ponto, opera-se, de fato, um curioso encontro entre conservadorismos de fundo religioso e o relativismo pós-moderno. Em tal contexto, prosseguem os autores, indivíduos isolados experimentam certo sentido de comunidade ao encontrar comunidades online nas

²⁵ Nikola Tesla (1856-1943): inventor sérvio que morou nos Estados Unidos, conhecido por seus trabalhos na engenharia mecânica e na eletrotécnica, e cuja vida atraiu uma série de mitos de caráter paracientífico. Sobre Tesla, pode-se consultar a exaustiva biografia de Bernard Carlson (2013).

²⁶ No original: This trend has led to a convergence of traditionally conservative anti-science positions and Far-Left ideas about the social construction of knowledge.

quais podem compartilhar e reforçar crenças da ordem mais estapafúrdia possível. A ciência passa a ser vista, então, como “uma ferramenta da elite que busca desterritorializar o indivíduo de seu lugar nas suas respectivas tradições e crenças” (ibid.)²⁷. O processo contribui para a corrosão da democracia, dado que a experiência moderna, com sua ruptura com a ordem medieval, contou com o domínio da ciência para afastar-se da autoridade tradicional. Existe, portanto, uma conexão visceral entre ciência e democracia que agora encontra-se ameaçada pela ascensão do anticientificismo.

Em um ambiente no qual ciência e racionalidade (exceto quando são religiosamente legitimados) perdem sua validade, não existe mais qualquer constrangimento para que o mito frutifique livremente, e o imaginário tenha carta branca para dirigir decisões políticas. O livro de Elizabeth Sandifer sobre o movimento *Alt Right* no contexto anglo-saxão oferece-nos um panorama estranhíssimo da imaginação neoconservadora, na qual fantasias sobre uma futura e todo-poderosa inteligência artificial se juntam à ideia de uma conspiração mundial da mídia e das universidades como um sistema unificado de ocultação da verdade (a “Catedral”, no linguajar de Mencius Moldbug), filósofos herméticos apaixonados por H. P. Lovecraft e delírios místicos sobre a secreta dominação do mundo por uma raça de seres lagartos interdimensionais (2017). Nesse cenário, quanto mais absurda for uma proposição, mais convincente ela parecerá. Os elementos metafísicos, que por vezes fazem lembrar novelas de ficção científica ou literatura fantástica, certamente tornam o caldo particularmente interessante para indivíduos que têm a necessidade de uma explicação integrada para o mundo. Para Sandifer, um componente fundamental do imaginário conservador tem a ver com o temor da invasão, da penetração por tudo aquilo que é da ordem do estrangeiro, do alienígena. Existiria, afirma ela,

um terror patológico na comunidade neoreacionária, exemplificado por coisas como sua bizarra obsessão com a ideia de ‘cuckolding’²⁸, incluindo a formulação da palavra ‘cukservative’ para descrever políticos supostamente conservadores que tratam frouxamente de [temas da] imigração, de modo a permitir que o patrimônio genético da nação seja ‘cuckoldizado’ (2017, pp. 114-115)²⁹.

²⁷ No original: tool of the elite that seeks to dislodge the individual from their place in their respective traditions and beliefs

²⁸ O “cuckolding” é um fetiche no qual o marido, de forma submissa, obtém prazer ao observar sua mulher engajando-se em práticas sexuais com outro homem.

²⁹ No original: a pathological terror within the neoreactionary community, exemplified by things like their bizarre obsession with the idea of cuckolding, including the formulation of the word “cukservative” to describe

Esse terror da penetração, esse pânico com a diferença, talvez explique parcialmente a fixação que tanto Carvalho como Bolsonaro parecem ter com questões de ordem sexual, especialmente no que se refere ao sexo anal³⁰. A preocupação com a sexualidade supostamente “desviante”, especialmente com o homossexualismo, não é apenas um elemento-chave de visões de mundo religiosas como o cristianismo, mas também de certos pensadores identificados com o perenialismo. Mais particularmente, do filósofo fascista italiano Julius Evola, citado exaustivamente nas primeiras obras de Carvalho. Como mostra Sedgwick, não apenas Evola, senão parte significativa do movimento do tradicionalismo teve relações estreitas com o fascismo e com radicalismos de direita. O caso de Evola, porém, é muito mais emblemático, já que, apesar de nunca ter se filiado ao partido fascista, foi um ardente apoiador de Mussolini e serviu de inspiração para grupos do novo radicalismo italiano que se seguiu aos protestos de 1968. Em 1951, Evola fora julgado por tramar pelo restabelecimento do fascismo, mas absolvido³¹. Segundo Sedgwick, “na Itália dos anos 1970, diz-se, você podia arrumar mais problemas com a polícia se eles encontrassem livros de Evola numa busca em sua casa do que se achassem explosivo plástico” (2004, P. 5)³². Não existe espaço aqui para uma exaustiva apresentação da *Weltanschauung* de Evola. Que baste dizer que seu sistema racial hierárquico, mesmo com a pretensão de transcender a raça biológica por meio de uma noção espiritual da mesma, acaba recaindo no velho e bom racismo de sempre. As muitas referências em suas obras às “raças inferiores, não-europeias” ou às “síncope negras” no jazz e coisas do gênero traem sua adesão a um projeto racial ariano (Cf. SHEEHAN, 1981, p. 61)³³. Quanto à sexualidade, as concepções de Evola, mesmo fundadas em complexas explicações esotéricas, descambam continuamente para uma perspectiva ultraconservadora e fascistoide, recheada de

supposedly conservative politicians who were weak on immigration and thus allowing the nation’s gene pool to be cuckolded

³⁰ Apenas a título de exemplo, veja-se os vídeos “Posso mandar você tomar no cu”, “Ideologia de cu é rola” e “Combustíveis fósseis é o cu da sua mãe”, no Youtube.

³¹ Não por coincidência, Julius Evola é um dos autores favoritos do ultra-direitista Steve Bannon, ex estrategista-chefe da Casa Branca de Donald Trump. Cf. <<https://www.vanityfair.com/news/2017/07/the-strange-origins-of-steve-bannons-nationalist-fantasia>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020. Em entrevista ao Canal de Youtube “Olavo tem Razão”, Bannon afirma que “Olavo é um dos maiores intelectuais conservadores no mundo”. Ver <<https://www.youtube.com/watch?v=8oRIUn7hh3Q>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

³² No original: In Italy in the 1970s, it is said, you got into more trouble if the police found Evola’s books during a search of your apartment than if they found plastic explosives.

³³ No original: inferior, non-European races (...) Negro syncopations.

afirmativas como “mulheres americanas são caracteristicamente frígidas e materialistas”³⁴.

Sobre o homossexualismo, tratado pontualmente em *Metafísica del Sesso*, escreve Evola:

Se, portanto, se assume nestes últimos termos a homossexualidade, ou seja, em uma correspondência completa com as relações sexuais entre homem e mulher, pode-se bem falar de um desvio, não já do ponto de vista de convencionalmente moralista e convencional, mas próprio daquela da metafísica do sexo (2006, p. 89).³⁵

Na lógica do neoconservadorismo (como das seitas), é preciso reescrever a história, revisar todo o conhecimento, já que as instâncias legitimadoras de tal conhecimento são sempre suspeitas – e possivelmente manipuladas por comunistas. Toda forma de dissenso – daquilo que não encaixa na minha visão de mundo – deve ser expelido. Trata-se, de novo, do terror do *outside*, um terror que inclui o medo de qualquer sexualidade, prática corporal ou forma de saber infenso ao estrito controle institucional. Ainda que seja, claro, uma “forma crua de psicanálise”, como afirma Sandifer, o ódio com relação a tais questões é frequentemente uma “reação ao desejo por algo que não se pode ter” (2017, p. 137)³⁶. O rechaço ao conhecimento estabelecido, a atual fixação com temas como terra plana, geocentrismo, “ideologia de gênero”, conspirações globais, a ditadura militar (revista como ação heroica dos militares para salvar o país dos comunistas) – tudo isso aponta para um desejo de *conservação*, de combate à mudança e ao novo. Mas não basta paralisar o tempo, é necessário voltar ao passado, à época (incerta, talvez a Idade Média³⁷) em que a ciência era menos obscura, em que a religião oferecia todas as respostas, em que havia menos incertezas no mundo.

Em seu clássico ensaio sobre o “espírito das seitas”, Roger Caillois sugere que o homem sectário é aquele que necessita de compromisso, ordenação, regra em grau máximo. Separar-se do resto da sociedade é, ao mesmo tempo, um gesto de submissão (a um poder e uma ordem superiores) e de orgulho (ser diferente do resto do mundo). Os membros da seita “anseiam por uma legislação que ouse reclamar uma fidelidade sem condições, mas que promete a um ardor

³⁴ Do ensaio *Civiltà Americana* (1945), disponível em http://www.juliussevola.net/excerpts/American_%22Civilization%22.html Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

³⁵ No original: Se, pertanto, si assume in questi ultimi termini l’omosessualità, ossia in una corrispondenza completa con le relazioni sessuali normali fra uomo e donna, si può ben parlare di una deviazione, non già da un punto di vista comunque morale stico e convenzionale ma proprio da quello della metafísica del sesso.

³⁶ No original: crude psychoanalysis (...) reaction to wanting something you can’t have

³⁷ Como disse Olavo, segundo o relato do jornalista Dennis Burgierman sobre uma das aulas do COF, “‘não temos nada a comemorar pela modernidade’, referindo-se ao fim da Idade Média” (Em Burgierman, 2019, p. 79).

entusiasta a plena embriaguez de um triunfo absoluto” (1964, p. 70)³⁸. Desse modo, faz-se fundamental erigir formas de saber com menos brechas, capazes de confortar ao mesmo que tempo que ordenam o cosmos. Não é na ciência que se vai buscar tal saber, mas preferencialmente na religião. Existe aí, também, a manifestação de um repúdio – que nos últimos anos tem crescido tanto na direita como na esquerda – à figura do especialista. Em princípio, todo intelectual é suspeito até prova em contrário. Como explica Smulewicz-Zucker, o conteúdo do discurso dos cientistas deixou de importar, já que relevante realmente é seu status como parte de uma suposta elite. Encontramos, assim, um populismo que se disfarça, por vezes, com a linguagem da democracia, mas que acaba minando-a (2018, p. 107). Se de um lado, lidamos com um relativismo radical (na vertente pós-modernista), do outro encontramos um desejo de verdade pura, mas legitimada apenas na figura do líder religioso (no que poderíamos definir como a vertente “pré-moderna”). Não é casual o título do livro de Vasques da Cunha, *A Tirania dos Especialistas*. No âmbito dos discursos da nova direita, a impressão que se tem é que desejam continuamente atribuir aos intelectuais um poder que certamente não possuem (ainda que provavelmente lhes aproovesse tê-lo). A ridícula ideia de que intelectuais, a mídia e boa parte das instituições encontram-se unidas em um vasto complô esquerdista é sustentável apenas num contexto em que a planicidade da Terra começa a aparecer como noção razoável.

Para Cunha, o problema de “praticamente *todos* os intelectuais” (2019, p. 15, gr. do autor) é que não assumem responsabilidade sobre seus atos e seus escritos, vivendo dentro de um “campo de distorção da realidade”. Mas de que realidade fala Cunha? Não é preciso ser um relativista radical para entender que a “realidade” é uma noção sempre em busca de qualificação. E não existe fato que não possa ser infletido por vetores ideológicos (seja de que espectro forem). Com o estilo mais “direto”, que é sua marca registrada, Olavo de Carvalho prefere falar na “porcaria intelectual” que deságua na irônica noção do “imbecil coletivo” (1997, p. 18), índice da decadência cultural brasileira, capitaneada, naturalmente, pela esquerda nacional. Carvalho seria o remédio que apareceu nesse cenário cultural para sanar suas deficiências, dado que “ninguém fez antes um esforço de pensar o Brasil nessa escala” (ibid., p. 21). A imagem que Carvalho cuidadosamente desenhou ao longo desses anos é, de fato, a de um intelectual que foi capaz de desconstruir a cultura brasileira. Mais que isso, faz jus ao

³⁸ No original: Ils envient une législation qui ose réclamer une fidélité sans conditions, mais qui promet à une ardeur enthousiaste la pleine ivresse d’un triomphe absolu.

título de “guru”, dado que seus discípulos o tratam como uma santidade. Tamanha é tal santidade que Olavo pode mesmo acusar o Papa de heresia e continuar despertando a irrestrita adoração de seus seguidores católicos³⁹. A estrutura de sustentação construída em torno do pensador, especialmente no Curso Online de Filosofia, parece fomentar “o tipo de disciplina e sujeição mental que esperaríamos de uma seita sob o comando de um guru. São estimulados [os alunos] a acreditar em toda sorte de misticismo, milenarismo e disciplinas esotéricas como astrologia e numerologia”⁴⁰ – afirma um de seus ex-estudantes.

3. Conclusão: Imaginário, Tecnologias Digitais e Política

Para Vilém Flusser, as imagens técnicas representam um retorno modificado ao pensamento mágico característico da pré-história. Trata-se, afirma ele, de uma “magia de segunda ordem” (2002, p. 16): enquanto a primeira forma de magia ritualizava mitos, a nova forma ritualiza programas. Elas substituem, assim, a consciência histórica conceitual por uma capacidade imaginativa de segunda ordem. Se todo ato contemporâneo tende a transformar-se em imagem técnica, em uma nova espécie de magia, o pensamento conceitual e a racionalidade deixam de ditar as formas de interpretação do mundo para serem substituídos pela imaginação e por programas e modelos. Nesse sentido, nenhum campo de atividade social poderia ilustrar melhor tais transformações do que a política. De fato, face à desintegração da esfera pública no mundo contemporâneo, deve-se reconhecer que “a história da política chegou a um fim” (*Die Geschichte der Politik ist zu Ende*) (Flusser, 2008, p. 157). Não é mais no horizonte da política que buscamos nossa imagem do mundo, mas sim no domínio dos meios técnicos.

Os temas da racionalidade e da decisão racional sempre constituíram problemáticas fundamentais da teoria política. Todavia, como seguir lidando com esses temas em uma época na qual, mais que nunca, a política se alia às imagens e se torna terreno da imaginação, das emoções e mesmo (para nos contrapormos a algumas das teses flusserianas) do mito? Raoul Girardet propõe investigar precisamente aquilo que, na política, sempre foi tido como marginal, como o “que escapa às formulações demonstrativas, tudo que brota das profundezas das potências oníricas” (1987, p. 10). O mito e o imaginário se convertem, assim, em importantes

³⁹ <<http://juliosevero.blogspot.com/2015/09/olavo-de-carvalho-excomunga-o-papa.html>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

⁴⁰ <<http://www.cafecolombo.com.br/ideias/precisamos-falar-sobre-olavo-de-carvalho-3/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

ferramentas para compreender o panorama político da contemporaneidade. Aliando-se à esfera da tecnociência e dos meios tecnológicos, o mito encontrou nas imagens técnicas um ambiente propício, no qual política e irracionalidade vieram estabelecer uma estranha aliança. O atual contexto político brasileiro parece oferecer um interessante estudo de caso, alimentando-se, acima de tudo, das imagens geradas nos ambientes digitais. Memes, vídeos de Youtube, tweets, mensagens de Whatsapp compõem uma espécie de paisagem eletrônica na qual se travaram e se travam disputas políticas em torno da captura do imaginário popular. Esse estado de coisas permitiria falar de uma “virada afetiva” no campo dos estudos políticos. Os sujeitos políticos já não podem mais ser encarados simplesmente como “atores racionais” desvinculados de emoção e paixão, numa perspectiva que resultava das influências positivistas e behavioristas marcando as ciências sociais no período do pós-guerra (Hoggett & Thompson, 2012, p. 1).

Assentado nos mitos do complô, em formas de organização sectaristas e no rechaço a todo conhecimento produzido por “especialistas”, o imaginário neoconservador sonha com uma sociedade sem diferenças. Em uma espécie de paroxismo da incerteza diante do devir, teme tudo que possa atentar contra “os fundamentos metafísicos da realidade” (Cunha, 2019, p. 91). Em um mundo de crescente complexidade e incertezas, busca apoiar-se nas tradições, na segurança metafísica da religião⁴¹ e em formas de controle autoritárias. Como numa espécie de concretização do mito da “idade de ouro” (Cf. Girardet, 1987, p. 97 e ss.), anseia pelo retorno da tutela militar, reescrevendo a história para fazer da ditadura um ideal desejável. Seus modelos não se encontram num futuro possível, mas num retorno aos passados; como acontecia nas sociedades arcaicas, é nos tempos de outrora que deseja instituir sua teleologia.

A trajetória pessoal e as estratégias retóricas de Olavo de Carvalho representam um verdadeiro *blueprint* desse imaginário, e não seria exagero afirmar que ele foi um ator fundamental na solidificação dessas imagens no Brasil da pós-abertura. Também não parece exagero crer que tal processo foi feito, intencionalmente, a partir de ajustes e mudanças de percurso. Se em 1994, Carvalho ainda afirmava que “Lula é um homem decente” e “maior que seu partido” (1994, p.155), em 2009 ele já podia caracterizar o ex-presidente como “o cara-de-pau mais descarado que o Brasil já conheceu”⁴². Se em 1994, o autor de *A Nova Era e a Revolução Cultural* escrevia: “é bom que haja uma esquerda, é bom que haja uma direita, e

⁴¹ De uma religião específica, importa dizer novamente, não a dos “ruídos dos atabaques” e dos “gritos dos exus” (Carvalho, 1985, p. 13). Não uma religião que possa ter qualquer conexão com “música e dança negrificadas” (Evola, 2000, p. 124).

⁴² <<http://olavodecarvalho.org/lula-voce-e-o-cara/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

não é bom que uma das duas afaste a outra do poder definitivamente. Tudo isso é simples, prático e veraz”, em 2019, produz um tuíte no qual sugere ao atual presidente acabar com os partidos que pertencem ao Foro de São Paulo (PT, PC do B, PDT, PCB)⁴³. Afinal de contas, como o próprio Carvalho afirmou certa vez, “Eu defendo uma ideia não porque ela seja de direita ou de esquerda, mas porque coincide com a realidade do momento” (Cf. Azevedo, Santos & Laub, 2000, p. 62).

O imaginário é uma produção social no qual indivíduos se engajam de forma criativa. Se é verdade que um indivíduo não pode, por si só, “inventar” um imaginário, ele pode, certamente, colaborar para orientá-lo, para pôr em relevo certos aspectos mais obscuros ou obscurecer determinadas imagens mais pregnantes. É nesse sentido que o conceito de “hiperstição”, cunhado pelos pensadores do Cybernetic Cultures Research Unit (CCRU), parece-me hoje particularmente interessante. Fundamentalmente, uma hiperstição é uma ficção que, no contexto das tecnologias digitais, torna-se efetiva no plano da realidade. Na linguagem tipicamente hermética do CCRU, segundo os parâmetros da hiperstição, “não existe diferença, em princípio, entre um universo, uma religião e uma farsa (*hoax*). Todos envolvem uma engenharia da manifestação, ou ficção prática, que é em última instância indigna de crença” (2017, p. 12)⁴⁴. Em outras palavras – e particularmente no contexto tecnocultura digital – existe uma arte da ficção que permite a forças do imaginário cristalizar-se em realidade. Para os membros do CCRU, essa “engenharia da manifestação” era uma forma de produzir futuros. Um mero indivíduo como William Gibson seria, assim, capaz de inventar uma hiperstição (neste caso, a ideia de *ciberespaço*) com impacto suficiente para moldar visões de mundo e projetos de devires. Assim sendo, o imaginário do neoconservadorismo e de Olavo de Carvalho estariam efetivamente produzindo um futuro. Mas um futuro que tem uma obsessiva saudade do passado, um futuro estruturado com base nas ideias de *conservação* e do retorno. Mais que nunca, portanto, se trata hoje de uma luta pelas nossas imagens do passado. Precisamente por isso, a impressionante atualidade das palavras daquele pensador marginal da Escola de Frankfurt – esse celeiro fundamental de decadência social e da destruição promovida pelo pensamento de esquerda, segundo Carvalho e seus seguidores:

⁴³ <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/olavo-de-carvalho-prega-contra-avanco-da-esquerda/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

⁴⁴ No original: there is no difference in principle between a universe, a religion, and a hoax. All involve an engineering of manifestation, or practical fiction, that is ultimately unworthy of belief.

A cada época cabe arrancar a tradição das garras do conformismo que está sempre prestes a se apropriar dela (*der im Begriff steht, sie zu überwältigen*). O messias vem não apenas como o redentor; ele vem também como o vencedor do Anticristo (Benjamin, 2010, p. 72)⁴⁵.

Menos que propriamente combater a tradição, trata-se de arrancá-la das teias do conformismo e convocá-la a imaginar futuros mais autênticos, livres e polifônicos.

Referências

AZEVEDO, R.; SANTOS, F.; LAUB, M. A Miséria do Materialismo. **República**, Santo André, 2000. 61-66.

BENJAMIN, W. **Über den Begriff der Geschichte**. Berlin: Suhrkamp, 2010.

BRUNO, V. Philosophy, Mysticism, and World Empires: Elements of the Political Philosophy of Olavo de Carvalho. **The Political Science Reviewer**, Milwaukee, v. 43, n. 1, p. 1-34, 2019.

BURGIERMAN, D. R. O Artista da Ofensa. **Época**, Rio de Janeiro, 3 março 2019. 48-80.
CAILLOIS, R. **Instincts et Societé**. Utrecht: Gonthier, 1964.

CARLSON, W. B. **Tesla: Inventor of the Electrical Age**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

CARVALHO, H. D.; BUGALHO, H. **Meu Pai, o Guru do Presidente**. Curitiba: Kotter, 2020.

CARVALHO, O. D. **Astros e Símbolos**. São Paulo: Nova Stella, 1985.

_____. **A Nova Era e a Revolução Cultural**. São Paulo: Stella Caymmi, 1994.

_____. **O Jardim das Aflições**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

_____. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1997.

_____. **O Imbecil Coletivo**. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1997.

⁴⁵ No original: In jeder Epoche muss versucht werden, die Überlieferung von neuen dem Konformismus abzugewinnen, der im Begriff steht, sie zu überwältigen. Der Messias kommt ja nicht nur als der Erlöser; er kommt als der Überwinder des Antichrist.

_____. **O Imbecil Coletivo II: A Longa Marcha da Vaca para o Brejo.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

_____. **A Filosofia e seu Inverso.** Campinas: Vide Editorial, 2012.

CCRU. **CCRU 1997-2003.** Cambridge: Urbanomic, 2017.

CUNHA, M. V. D. **A Tirania dos Especialistas: desde a Revolta das Elites do PT até a Revolta de Subsolo de Olavo de Carvalho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

EVOLA, J. **L'Arco e la Clava.** Roma: Edizioni Mediterranee, 2000.

_____. **Metafisica del Sesso.** Roma: Mediterranee, 2006.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. **Kommunikologie weiter denken.** Frankfurt am Main: Fischer, 2009.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOGGETT, P.; THOMPSON, S. **Politics and Emotions: the Affective Turn in Contemporary Political Studies.** New York: Continuum, 2012.

MESSEMBERG, D. A Direita que Saiu do Armário: A Cosmovisão dos Formadores de Opinião dos Manifestantes de Direita Brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-647, Setembro/Dezembro 2017.

MICHAEL THOMPSON & SMULEWICZ-ZUCKER, G. (.). **Anti-Science and the Assault on Democracy: Defending Reason in a Free Society.** New York: Prometheus Books, 2018.

ORNELAS, P.; REZENDE, R.; MARTINS, V. As Consequências do Etnocentrismo de Olavo de Carvalho na Produção Discursiva das Novíssimas Direitas Conservadoras Brasileiras. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 164-203, dezembro 2018.

PUGLIA, L. S. Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, p. 40-54, 2018.

RUYTER, R. D. **The 13 Satanic Bloodlines: Paving the Road to Hell.** Amsterdam: Mayra Publications, 2018.

SANDIFER, E. **Neoreaction: a Basilisk - Essays on Around the Alt Right.** Middleton: Eruditorum Press, 2017.

SEDGWICK, M. **Against the Modern World.** Oxford: Oxford University Press, 2004.

SHEEHAN, T. **Myth and Violence: the Fascism of Julius Evola and Alain de Benoist.** **Social Research**, New York, v. 48, n. 1, p. 45-73, 1981.

SOYER, F. **Antisemitic Conspiracy Theories in the Early Modern Iberian World.** London: Brill, 2019.